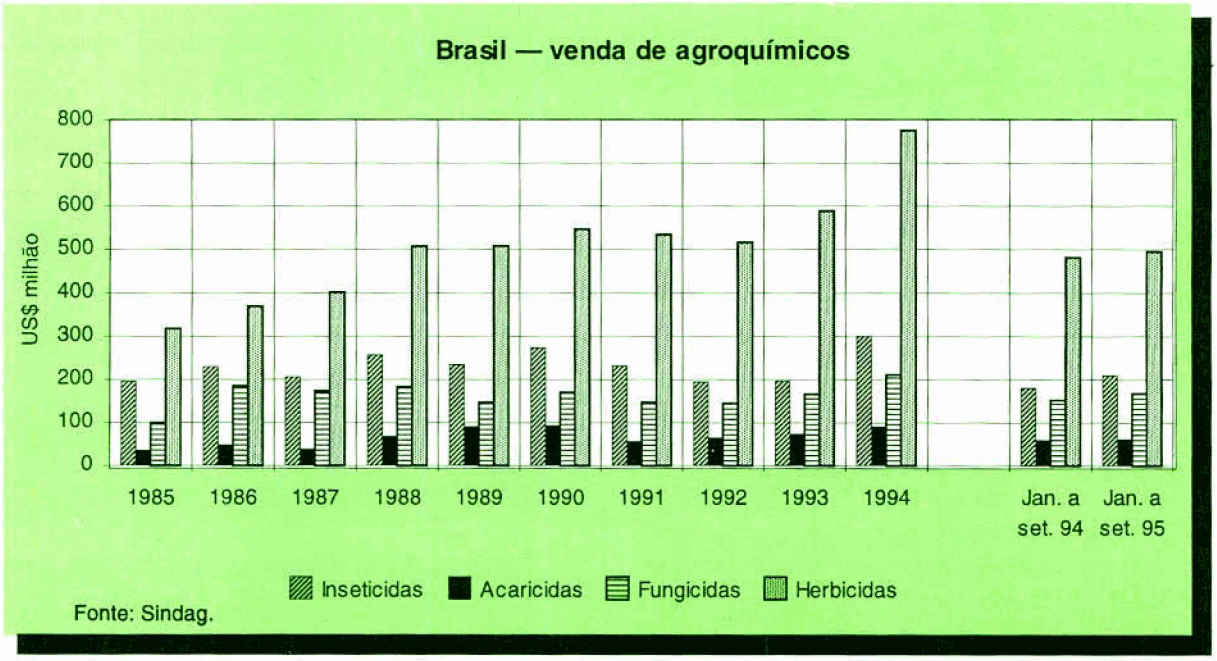


Agroquímicos

O mercado de agroquímicos é extremamente complexo. Não só há inúmeros produtos à venda como uma renovação constante de princípios ativos dificulta as comparações temporais. Na impossibilidade de encontrar denominador comum, as estatísticas do segmento são dadas em valor das vendas. É preciso, portanto, ter cuidado com os números, uma vez que o aumento das vendas pode significar tanto um crescimento de quantidades quanto um crescimento de preços. Por outro lado, os incrementos de preços podem ser decorrentes da introdução de novas fórmulas com maior eficiência no combate às pragas e, desta forma, não provocar impacto no custo de seu uso.

As informações disponíveis para o período janeiro/setembro indicam um aumento nas vendas totais de agroquímicos de 7% em relação a igual período do ano anterior. O aumento maior se deu no caso dos "outros", isto é, do item que agrega antibrotantes, reguladores de crescimento e espalhantes adesivos. Outro item que registrou substancial crescimento é o dos inseticidas, 16%.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

ALGODÃO

Um cenário desalentador

A queda da área de algodão no país é reflexo da inexistência de uma política voltada para o setor. De grande exportador no passado, as projeções indicam que o país será um grande importador mundial de algodão na safra 1995/96.

O primeiro levantamento realizado pela Conab prevê uma redução na área plantada de algodão, no Centro-Sul, da ordem de 10% para a safra 1995/96. As projeções mais otimistas indicam uma queda na área plantada de apenas 3%. A conjunção de importantes fatores, no entanto, como preços baixos durante a comercialização da safra passada, elevados custos de produção e escassez de crédito, contribuem para o de-

senho de um cenário mais pessimista para a cotonicultura brasileira.

Com relação aos preços, apesar da forte alta observada entre setembro e outubro, os produtores não foram beneficiados, uma vez que praticamente toda a safra 1994/95 já havia sido comercializada, e por preços que não acompanharam a tendência de alta no mercado internacional. Mais uma frustração de expectativa para o produtor, que esperava comercializar sua produção por preços bem melhores, haja vista a escassez do produto no mercado interno.

Há quatro safras consecutivas, a produção interna não é suficiente para atender à demanda, estimada atualmente em torno de 900 mil toneladas de algodão em pluma. Contava-se com uma forte alta durante a comercialização, que não se verifica pela concorrência desleal que o produto interno enfrenta do algodão em pluma importado e subsidiado, desembarcado próximo ao período de comercialização da safra.[1]

Não há como esperar uma alteração desse quadro, uma vez que a abertura comercial do produto parece irreversível, apesar dos constantes apelos de dirigentes do setor agrícola para que sejam tomadas providências. Para 1996, a alíquota de importação acordada junto ao Mercosul será de apenas 2%, um percentual muito baixo para coibir a entrada do produto importado, que conta, além de tudo, com vantagens como o financiamento facilitado das importações de 180 a 360 dias, além dos benefícios concedidos às importações do algodão em alguns portos do país.

Na verdade, acaba-se entrando num círculo vicioso, uma vez que não se produz por causa das importações, e há importações porque não se produz o suficiente.

Diante desse quadro, algumas propostas, que partiram do próprio governo (leia-se Conab) e que visavam estimular a cotonicultura brasileira, curiosamente não foram adiante, como por exemplo:

- redução dos prazos de financiamento das importações para 30 dias;
- elevação imediata da alíquota de importação para 6% (valor este que apenas seria alcançado, segundo o acordo do Mercosul, em 2001);
- criação de armazéns alfandegados para compensar a eliminação do prazo de financiamento das importações;
- incentivar a exportação do produto (que atualmente não passa de 40 mil toneladas), mediante alteração da cobrança do ICMS.

Custos de produção sobem mais que a inflação e preço mínimo (em R$/ha)

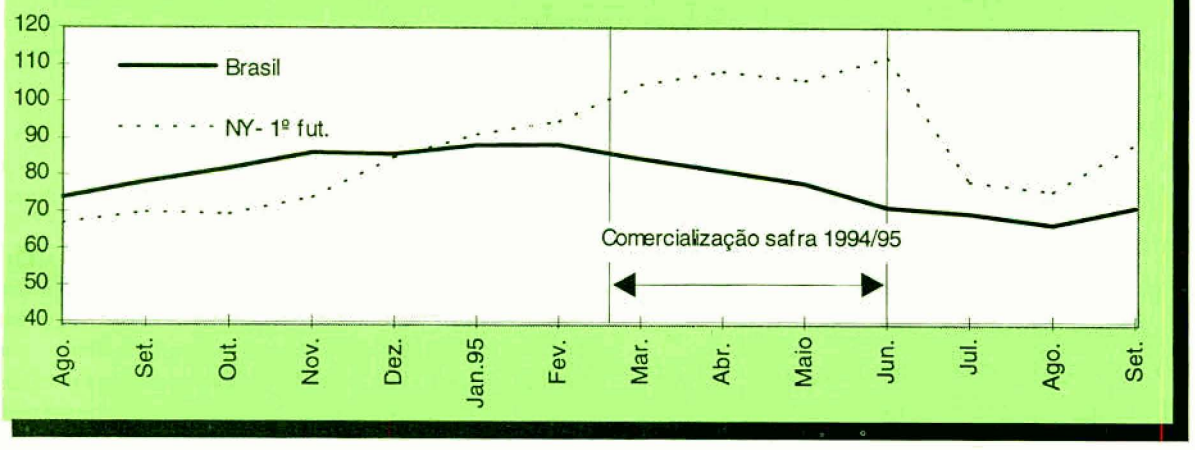
	Paraná		São Paulo	
	Set.95	Δ%	Ago.95	Δ%
Mão-de-obra	60,22	36,80	77,90	77,45
Colheita	268,94	50,89	227,37	68,24
Operação de máquinas	83,19	3,78	173,35	24,19
Insumos				
Sementes	28,60	5,69	18,04	(24,07)
Adubos e corretivos	58,19	24,28	152,41	22,54
Agrotóxicos	68,44	1,35	113,17	(0,87)
Custos variáveis*	567,58	27,88	762,24	31,21
Custo total	854,03	22,84	979,49	32,85
Δ% do IGP-DI		19,12		22,29
Δ% do preço mínimo		7,97		7,97

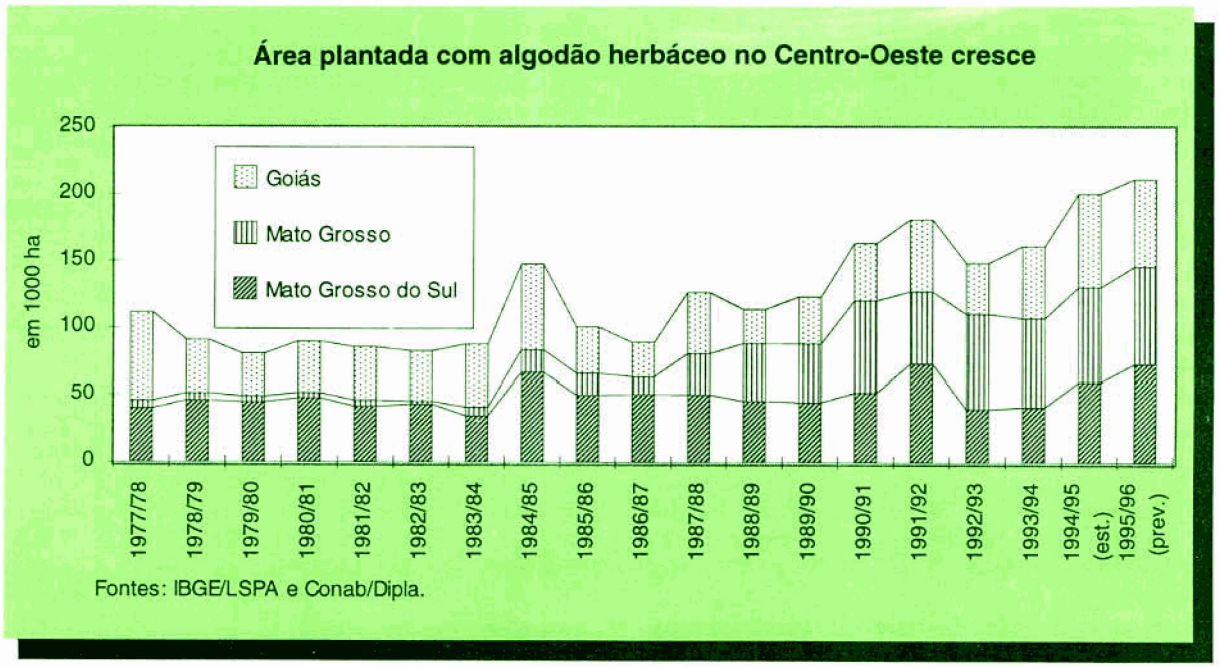
Fontes: Seab/Deral e IEA/SP.

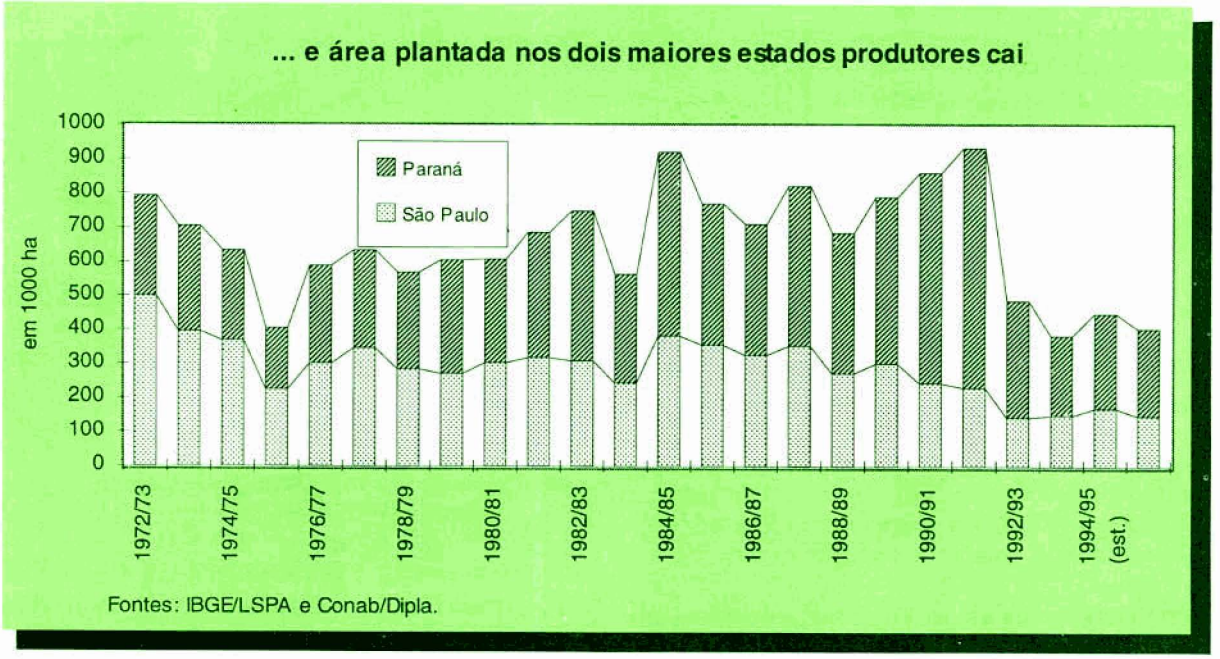
* Para fins compativos, adaptou-se a estrutura de custos do Paraná para a de São Paulo. Os custos variáveis, segundo a metodologia do Deral, foram calculados em R$610,44.

[1] Este tem sido um dos maiores desestímulos ao produtor nacional, motivo pelo qual está em andamento uma investigação junto ao Departamento Técnico de Indústria e de Comércio acerca dos pesados subsídios que recebe o algodão em pluma importado.

Cotações internacionais e domésticas do algodão em pluma







Destaca-se, no entanto, que o teor dessas medidas foi o mesmo das reivindicações ganhas pelo setor têxtil há pouco tempo, o que demonstra o tratamento diferenciado dado a setores de grande relevância para o país. Estima-se que, desde a safra 1992/93, tenha havido uma perda de 220 mil empregos em decorrência da drástica redução do algodão plantado no Brasil, um número expressivo diante da intenção do governo de assentar famílias por meio da reforma agrária.

Outro ponto importante, especificamente para a safra 1995/96, diz respeito aos elevados custos de produção desta estação, agravados pela indisponibilidade do crédito ao produtor. Apesar da intenção do governo de estimular os cotonicultores, estabele-

cendo um limite mais alto para o custeio da lavoura de algodão (até R$300 mil, a uma taxa de juros de 16% a.a.), não está havendo disponibilidade de crédito.

Essa falta de crédito é preocupante, uma vez que os custos de produção do algodão são dos mais elevados, em comparação a outras culturas. Para o estado de São Paulo, os custos variáveis nessa nova safra foram estimados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) em R$762/ha, o que representa um capital inicial para o produtor de no mínimo R$30.500 para realizar o plantio (considerando uma propriedade de tamanho médio, no Sul-Sudeste, de 40ha).

Os custos variáveis de produção, em relação à safra passada, subiram mais do que a inflação.

Além do elevado capital necessário, os custos variáveis de produção, em relação à safra passada, cresceram mais do que a inflação, 28 e 31%, respectivamente nos estados do Paraná e de São Paulo. A elevação nos preços dos serviços (mão-de-obra) pressionou bastante os custos de produção este ano. Com relação à safra passada, o preço da mão-de-obra dos mensalistas chegou a subir mais de 50% nas principais regiões produtoras de algodão no país. No caso do Paraná, segundo estimativas do Deral, as despesas com mão-de-obra para a lavoura de algodão, incluindo a colheita, pesarão quase 50% nos custos totais de produção. É um número extremamente elevado, que sem dúvida desestimulará muitos produtores quanto ao plantio dessa nova safra. Não obstante, os preços mínimos foram corrigidos em apenas 8%, valor bem abaixo do aumento verificado nos custos variáveis de produção das duas safras.

As estimativas ainda não são definitivas, mas a queda na área de algodão no Brasil é certa. Regionalmente, no entanto, o quadro é um pouco diferente: redução da área no Sul-Sudeste, enquanto no Centro-Oeste espera-se manutenção a aumento na área cultivada.

As intenções de plantio nas principais regiões produtoras do Paraná variam, em termos de área, entre 1% e -40%. Em termos gerais, uma estimativa preliminar do Deral aponta para uma redução de área no estado de 8,5%.

Em São Paulo, na região de Araçatuba, espera-se um recuo da área de 40%, para 18 mil hectares. Os produtores devem deixar de plantar algodão e investir no plantio de soja e milho nesta safra de verão.

Há expectativas de crescimento no Centro-Oeste como um todo. A colheita mecanizada reduz bastante os gastos de mão-de-obra, tornando o cultivo do algodão mais competitivo. Em Rondonópolis (MT), a área deve ser 10% maior este ano, saltando para 13,2 mil hectares. Em Naviraí (MS), os recursos destinados ao financiamento já foram liberados e se espera que sejam plantados 8 mil hectares. No estado de Goiás, alguns cotonicultores declararam a intenção de duplicar a área plantada, com relação à safra passada.

Para estimular o plantio, o estado de São Paulo resolveu conceder um estímulo aos produtores, reduzindo o preço da semente de algodão, em termos nominais: de R$18 a saca de 30kg (semente com línter) baixou para R$12. No Paraná, mesmo sem o monopólio de comercialização das sementes no estado, o preço por saca de 30kg da semente com línter (semente "branca") passou da faixa de R$13,50 a R$15 para a faixa de R$12 a R$13, segundo a Associação Paranaense dos Produtores de Mudas e Sementes (Apasem).

Este, porém, não é o principal fator de custo para o cultivo do algodão, pesando somente de 3 a 4% nos custos variáveis. Atualmente, o componente de custo que mais pesa é a mão-de-obra. Mesmo com a redução dos preços no estado de São Paulo, as vendas de sementes de algodão continuam muito baixas com relação à safra passada. Segundo o Departamento de Sementes, Mudas e Matrizes da Coordenadoria de Assistência Técnica Integrada (Cati), de São Paulo, até o dia 20 de outubro deste ano as vendas de semente no estado estavam 30% mais baixas, com relação a igual período na safra passada. As estimativas são de que as vendas se situem 20% abaixo da safra passada, reforçando as estimativas de queda na área plantada com algodão em São Paulo.

Importações de algodão continuam

Diante desse quadro desalentador, o país mais uma vez passará a ser um dos maiores importadores mundiais de algodão, ficando, segundo as projeções do Departamento de Agricultura Norte-americano (USDA), atrás somente da China (2,70 milhões de fardos) e da Rússia (1,80 milhão de fardos).

Conforme registros da BM&F, já foram contratadas 50 mil toneladas de algodão importado, quase 10% da produção prevista para a safra 1995/96, que deverão ser desembarcadas ao longo do primeiro trimestre de 1996, coincidindo com a entrada da safra nacional.

Com as perspectivas de um quadro de estagnação da produção de algodão brasileira, em face de uma grande demanda instalada, países como a Argentina vêm aumentando substancialmente sua área cultivada (as importações argentinas, que já chegaram a responder por menos de 1 ponto percentual das importações brasileiras, hoje passam de 10%). Segundo as projeções do USDA, a área de algodão cultivada pela Argentina passará de 700 mil hectares na safra 1994/95 para 800 mil hectares na safra 1995/96 (um acréscimo de 142% em relação à safra 1992/93). Informações não-oficiais afirmam que a área chegará a 1 milhão de hectares em 1995/96, o que equivale a quase 90% da atual área cultivada no Brasil.

GUILHERME SORIA BASTOS FILHO